



ARTICULAÇÕES ENTRE CULTURAS SERIADAS E DIVERSIDADE SEXUAL: percursos de pesquisa nos Estudos Culturais

*Juliano Martins SOARES⁴¹
Lúcia Loner COUTINHO⁴²*

RESUMO: O artigo tem como ponto de partida a relação entre cultura das séries (SILVA, 2013) e a midiáticação de práticas de diversidade sexual. O recorte é feito a partir de uma dissertação de mestrado e de uma tese de doutorado, ambas construídas sob a perspectiva teórico metodológica dos Estudos Culturais (ECs). O objetivo do texto é refletir sobre a queerização dos produtos seriados e de que forma isso visibiliza práticas das diferenças, das sexualidades e dos corpos de gênero, apesar de existir, ainda, certa manutenção do normativo em alguns dos produtos da mídia. O texto registra o locus midiático através de Kellner (2012) como lugar de tensões e disputas simbólicas por poder e hegemonia. A relação entre os dois projetos de pesquisa reside no compartilhamento e tensionamento das práticas afetivas, sexuais e de corpos, inseridos numa cultura contemporânea LGBT.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura da mídia. Cultura das séries. Diversidade sexual.

ABSTRACT: This paper has as a starting point the link between series culture (SILVA, 2013) and mediatized sexual diversity practices. Our corpus comes from a master's dissertation and a doctoral thesis, both built within cultural studies methodological frame. We intend to reflect upon the "queering" of serial television media, and in what ways they make visible difference, sexualities and gendered bodies, despite the persistent normative character of some media products. This text explores media texts through Kellner (2012), as a space for tension and symbolic struggles for hegemonic and power. The link between both research projects is in discussing affection and sexual practices within a contemporary LGBT culture.

KEYWORDS: Media culture. Television series. Sexual diversity.

⁴¹ Mestre em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. E-mail de contato: juliano.soares.002@acad.pucrs.br.

⁴² Pós-doutoranda em Comunicação Social. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail de contato: lucialoner@gmail.com.

1. Apresentação

Neste artigo intercalamos dois percursos de pesquisas de pós-graduação, inseridas no campo dos Estudos Culturais (ECs) e dos estudos de mídia e comunicação. Ambas tiveram como objetos de estudo, narrativas seriadas americanas audiovisuais, enfocando-as, teórico e metodologicamente, sob o viés da cultura das séries (SILVA, 2012), e dos produtos da cultura da mídia como lugares de articulação de poder simbólico, tensionamentos ideológicos e disputas políticas por visibilidades e interesses de grupos distintos (KELLNER, 2001). O fio condutor que liga as duas pesquisas – uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado – é o das sexualidades não-hegemônicas (binária), o que se pode configurar como uma cultura da diferença ou diversidade sexual.

Partimos das reflexões feitas nos percursos de pesquisa sobre as representatividades que as séries americanas operam no que tange as diversidades sexuais. A partir de uma leitura crítica e conjunta, apresentamos os objetos da cultura das séries, intercalando inferências acerca dos tratamentos que fizeram sobre o tema, procurando pontos de convergência. Notamos, como será explicado adiante, que esses pontos foram o da visibilidade que os produtos da mídia proporcionam à cultura da diferença, o reforço ou manutenção de estereótipos e o apagamento de outros temas que se relacionam a diversidade sexual.

Ademais, registramos que Escosteguy (2008) faz referência ao estudo de identidades generificadas na comunicação sob a visada cultural e simbólica, contraposta a lógica biológica do sexo reprodutivo. Destarte, não seria mais possível analisar a existência da diversidade sexual somente sob o ponto de vista do patriarcado, o que foi possível muito em função das lutas feministas desde a década de 1960. A sexualidade e o gênero também se transportaram de gêneros jornalísticos mais duros, nos estudos de mídia e informação, para outros formatos, como a narrativa seriada, que veremos adiante.

2. Cultura seriada e os objetos de pesquisa da cultura da mídia

Metodologicamente, as estruturas dos projetos de pesquisa em questão estiveram baseadas num contexto midiático de narrativas seriadas, especificamente, com conteúdo que aponta para a diversidade sexual. Considerando que uma das preocupações dos Estudos Culturais é o deslocamento da centralidade do texto para outras esferas da comunicação, tal como a produção e a recepção, faz-se necessário um olhar contextual acerca do processo

histórico e político da sociedade. O contexto mencionado leva em consideração a ideia de disputas e tensionamentos simbólicos por poder hegemônico.

Os produtos da cultura da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e ações políticas. Em vista de seu significado político, e de seus efeitos políticos, é importante aprender a interpretar a cultura da mídia politicamente a fim de decodificar suas mensagens e efeitos ideológicos. [...] interpretar politicamente a cultura da mídia exige que se amplie a crítica ideológica para abranger a intersecção de sexo, sexualidade, raça e classe, e ver que a ideologia é apresentada na forma de imagens, figuras, códigos genéricos, mitos e aparato técnico de cinema, televisão, música, e outros meios, bem como por intermédio de ideias ou posições teóricas (KELLNER, 2001, p.123).

Nesse sentido, as séries foram analisadas através de olhares multiculturais e multiperspectívos (KELLNER, 2001), de forma a organizar, a partir da articulação de diversas teorias críticas, um instrumento que considera os objetos da cultura da mídia, locais de dominação e resistência.

Diferentes séries americanas foram elencadas como objetos concretos de estudo, todas registraram a questão da diversidade sexual em suas tramas, ou como argumento principal do roteiro original, ou como temática secundária. Enquanto, por um lado, *Looking* concebe um olhar sobre os relacionamentos afetivos e sexuais entre masculinidades homossexuais, por outro, o gênero do *teen drama*⁴³, aqui exemplificado por cinco destas séries - *Beverly Hills, 90210*, *Buffy, the vampire slayer*, *Dawson's Creek*, *Glee* e *Pretty Little Liars*- mostram as práticas sociais e culturais que desempenham essas produções, reforçando, ou não, estereótipos da juventude, e dando visibilidade para identidades generificadas. Essas narrativas seriadas são construídas de forma a mostrar os cotidianos dessas subculturas através de uma complexidade narrativa específica (MITTELL 2012, 2013).



Figuras 01 e 02: Identidade visual de *Looking*; personagens principais - Fontes 01 e 02: Portal HBO

⁴³ *Teen dramas* são um subgênero narrativo televisivo com séries de cunho dramático, cuja trama tem foco em adolescentes em fase escolar e problemas pertinentes a tal idade



Figura 03: Personagens principais de Glee - Fonte 03: Wikia

As séries americanas já integram um fenômeno midiático/comunicacional/cultural mundializado. Sua força está nas comunidades de fãs, na representatividade que operam para grupos diferenciados, no mercado econômico da mídia que elas ajudam a movimentar. Para Silva (2013), esse fenômeno de produção é indicativo de uma “cultura das séries”, que organiza velhas e novas formas de narrativas e dinâmicas espectatoriais no entorno desses textos audiovisuais, sobretudo os de origem norte-americana.



Figuras 04 e 05: Personagens de Beverly Hills 90210; personagens de Buffy – The Vampire Slayer - Fonte 04: GettyImages | Fonte 05: Wikia



Figuras 06 e 07: Personagens de Dawson's Creek; personagens de Pretty Little Liars - Fonte 06: TV Guide | Fonte 07: Minha série

Para Silva (2013), o poder de alcance das narrativas seriadas reside na capacidade de gerar identificação com os nichos a que se reportam, na repetição promovida pelos roteiros, na experiência privada do autor do produto midiático e na construção de um simulacro convincente de realidade, que faz com que o público se enxergue em determinada história. Apesar da repetição, que é marca da serialidade, as séries americanas também trazem sempre a novidade para os episódios, o que ajuda na manutenção e no aumento do público. O autor elenca três condições essenciais sobre as quais propõe a reflexão a respeito da relevância que este gênero audiovisual tomou nos últimos anos na cultura midiática.

[...] a primeira condição é que chamamos de forma, e está ligada tanto ao desenvolvimento de novos modelos narrativos, quanto a permanência e à reconfiguração de modelos clássicos, ligados a gêneros estabelecidos como a sitcom, o melodrama e o policial. A segunda condição está relacionada ao contexto tecnológico em torno do digital e da internet, que impulsionou a circulação das séries em nível global, para além do modelo tradicional de circulação televisiva. A terceira condição se refere ao consumo desses programas, seja na dimensão espectral do público, através de comunidades de fãs e de estratégias de engajamento, seja na criação de espaços noticiosos e críticos, vinculados ou não a veículos oficiais de comunicação como grandes jornais e revistas, focados nas séries de televisão (SILVA, 2013, pp.03-04).

Ou seja, a dinâmica dos espectadores das séries americanas está, também, posta na forma da circulação, legal ou ilegal, *online*, *off-line* ou *on demand*. As comunidades de fãs, além de procurarem identificar aspectos de suas vidas nas personagens das narrativas complexas, estão antenadas com seu tempo tecnológico que proporciona o acesso a informação e ao entretenimento através de plataformas distintas. Se o público, por si só, tem se visto representado por essas narrativas, a mídia tradicional acabou, também, por transformá-las em notícia, o que as impulsionou ainda mais a um patamar de quase hegemonia das produções audiovisuais, fazendo sombra ao cinema, por exemplo.

Por outro lado, as séries americanas representam aspirações de visibilidade de diversos grupos, ora de forma mais abrangente e vanguardista, ora ratificando personas culturalmente construídas que mantêm algum *status quo*. Para Jost (2012), essas produções são sintomas de que as subjetividades contemporâneas estão em tela com o desejo de explorar o desconhecido, e ao mesmo tempo, de familiaridade e reconhecimento.

[...] o que liga o telespectador às séries é primeiramente o prazer que a repetição provoca, prazer enraizado na infância, quando pedíamos a nossos pais para que nos recontassem indefinidamente nossa história preferida. Se se deseja compreender a importância das séries nas práticas culturais, essa compreensão vem menos da lição de anatomia que nelas se encontra, e mais do exame das relações que elas estabelecem com seus espectadores. Uma coisa é compreender a arquitetura de uma casa, outra é lá

se sentir bem. Uma coisa é compreender como uma narrativa é construída, outra é identificar por que se quer que ela seja contada. (JOST, 2012, p.25-6).

A familiaridade (JOST, 2012) é um desejo inconsciente de pertencimento, já que falamos de culturas subalternas do ponto de vista social, histórico e cultural. Se querem se sentir fazendo parte de alguma dinâmica além das socialmente formais do cotidiano, os personagens da vida real recorrem a esse tipo de produção da mídia, que está disponível e tem acesso facilitado.

3. Narrativa seriada como lugar das diferenças – mas nem tanto

Com sua ênfase na identidade pessoal e uma agenda centrada em liberdades individuais, os *teen* dramas têm sido um dos gêneros mais vanguardistas quando se trata de identidades sexuais na televisão americana. Entre os assuntos agendados pelas narrativas seriadas, a diversidade sexual ganha destaque, algumas vezes buscando a naturalização, outras vezes ainda reforçando estereótipos. Em termos de avanço ou acomodação, as liberdades sexuais individuais discordantes da norma passaram a ser tratadas com maior frequência pela mídia seriada em função, entre outras, da evolução do formato televisivo, das mudanças dos conceitos de gênero e as transformações acarretadas pela AIDS, muito em função do caráter higienizador que o sistema conferiu às práticas de gênero e que foram assumidas pelos grupos de sexualidades discordantes como estigma. Mudanças políticas, econômicas e culturais ao redor do globo também ajudaram no desenho de um novo panorama das sexualidades e dos corpos de gênero, em constante alteração.

Os *teen* dramas foram pioneiros na *queerização* do seriado americano. A pequenos passos, como a introdução de personagens LGBT em tramas mais generalistas, a apresentação da transexualidade, até o primeiro *beijo gay* na televisão americana, essas narrativas alternaram as sexualidades com outros temas latentes, também relacionados ao gênero, buscando a manutenção de padrões morais de masculinidades dadas por um padrão heteronormativo. Aos poucos, porém, passaram a apresentar outros modelos de sexualidade divergentes do binário, problematizando a transgressão proposta por essas identidades de gênero, como o *camp* e as afeminações ou afetações (NASCIMENTO, 2015). Nisso se destaca o seriado *Glee* (2009-2015), em que as formas de ser um homem gay são diversas, ao contrário de únicas, como em seriados da década de 1990, como *Dawson's Creek* (1998-2003). Há uma contradição, no entanto, que ao mesmo tempo em que as identidades para homens gays começam a ser mais plurais, o mesmo não acontece para as personagens homossexuais femininas, todas pertencendo sempre a um modelo homonormativo, dentro das convencionalidades da feminilidade.

Mesmo com estas restrições, alguns *teen* dramas também abordaram a sexualidade feminina e o papel da mulher de modo mais progressista. Mas, mesmo que os seriados tenham mostrado a mulher junto com a evolução cultural do mundo, ficam de fora, paradoxalmente, marcas políticas como o feminismo, que se mostra ainda numa posição extremamente regulada pela cultura midiática. Assim, embora um programa como *Glee* possa ter uma política abertamente pró-direitos LGBT, o mesmo não ocorre em relação ao feminismo, que é quase completamente apagado mesmo quando a narrativa aborda temáticas pertinentes aos direitos femininos. Tal despolitização, porém, não significa que tais seriados não possam questionar ideologias dominantes, apresentando posicionamentos capazes de pressionar contra-hegemonicamente o *status quo*.

Ainda que, essas narrativas jovens conservem o mérito de visibilizar as práticas das diversidades sexuais, as sanções impostas pela heterossexualidade compulsória da sociedade também são vistas nessas mensagens no momento em que apresentam, ou não, o afeto entre as personagens LGBT. As demonstrações foram determinadas e raras, mesmo em séries como *Glee* e *Pretty Little Liars*, temporalmente mais recentes que as demais analisadas, e isso se deu pela resistência e cautela das emissoras de TV americanas. Nota-se, portanto, que ainda há privilégio simbólico dado a relações de afeto íntimas baseadas na relação heteronormativa, ficando relegadas ao estratégico e diminuto espaço as afetividades generificadas, o que leva a refletir que a diversidade sexual tem tido espaço substancial nas narrativas seriadas americanas, porém com o excesso de filtros morais, baseados na ocidentalização da cultura afetiva que tratou como lei o binarismo a partir de fins do século XVIII (FOUCAULT, 1988).

Outros temas são pincelados nas produções *teen*, como o estupro e a violência contra a mulher em *Beverly Hills, 90210* e o modelo de masculinidade – normativa – mas sensível, em *Dawson's Creek* (portanto, resignificada). Apesar de apresentar o modelo masculino heroico, mas também frágil, a série ainda levanta, como pano de fundo, novamente a história homoafetiva normatizada, buscando performatizar atitudes e práticas condizentes com o macho padrão. *Beverly Hills, 90210* também apresentou os matizes dessas masculinidades hegemônicas, em contraposição aos subalternos estigmatizados.

Looking apresenta ao público as afetividades e práticas sexuais de três amigos de faixas etárias distintas, que vivem na progressista São Francisco. Agruras e prazeres de performatizar uma masculinidade homossexual no século XXI são o argumento da narrativa. A cidade também opera como marcador da cultura identitária da homossocialidade construída dentro de uma lógica

da cultura das séries. Um viés progressista também é notado em *Looking*, de forma que ocorre uma pretensa naturalização do afeto e do desejo sexual não binário, tratados como corriqueiros e cotidianos pela narrativa. Ainda que a relação homoafetiva seja representada com o intuito mesmo de “normalidade”, a série escorrega em direção ao padrão construído e imposto pela heteronormatividade. Os padrões de comportamento e as práticas sexuais impressas pelos personagens ganham contornos de relações heterossexuais, com papéis definidos para atividade e passividade sexual e também para atitudes determinadas para o feminino e o masculino. A propósito, um padrão de macho é claramente perseguido pelas personagens, o que nos faz inferir que o padrão cultural e compulsório da masculinidade hegemônica é reforçado com muita veemência pelos roteiros dos episódios da série.

Paradoxalmente, essas personagens, segundo os estudos de masculinidades, compreendem um perfil subordinado (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013; LANG, 2001). Assim, percebemos que, mesmo cultural e socialmente exigida, a masculinidade hegemônica, ou aquela que confere os traços do “homem de verdade” a quem a performatiza, não está livre de ser perpassada por outros matizes de masculinidades.

Os homens podem se esquivar dentre múltiplos significados de acordo com suas necessidades interacionais. Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Conseqüentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p.257).

O fato é que a narrativa de *Looking* apresenta algumas delas, mas todas, em maior ou menor grau, procurando as masculinidades hegemônicas por questões de poder simbólico (FOUCAULT, 1988). Trata-se, nessa narrativa, de personagens que aderem, em diversas escalas, a traços de masculinidade dominantes. Esconder, tapar, invisibilizar afetações e afeminações, sugere a garantia de que as sanções sociais serão menores, ou mesmo inexistentes. Isto porque, culturalmente, a masculinidade obedece a uma lógica do esvaziamento de qualquer traço de feminilidade. Tal reflexão também é ratificada por Bourdieu (2002), quando aponta para a historicidade e culturalidade da dominação masculina. Isso se liga a lógica de que o masculino não deve ser associado ao feminino, pois este está socialmente diminuído de valor. Tal fenômeno explica o embotamento afetivo a que homens relegados ao patriarcado estão sujeitos durante a vida toda. Devem, segundo as normas implícitas em que foram criados, focar todo seu esforço no empreendimento do trabalho, no acúmulo de riqueza e na provisão da família, que, inevitavelmente, deverão ter de construir. O

desempenho masculino está, também, diretamente relegado ao órgão sexual anatômico, sentimento herdado da pedagogia patriarcal.

Afeto e sentimento, características doadas ao feminino em sua gênese, tendem, pela lógica da masculinidade hegemônica, a descaracterizar o homem contemporâneo que os pratica. Assim, a construção narrativa em tela é baseada na existência de duplos paradoxos. As masculinidades homossexuais, ou masculinidades gays da série exercem a homossexualidade como característica afetiva e sexual, mas conservam traços de virilidade; desenvolvem suas vidas a partir da cultura da diferença, abarcando o sentimento, o afeto e o amor, performatizando um gênero subordinado, mas procuram a masculinidade hegemônica, ou traços dela, para que as sanções sociais impostas à feminilidade no masculino não aconteçam.

[...] o perigo e ser chamado de mulher ou de *viado*, é permitir que lhe passem a mão na bunda e vir a gostar disso. Um homem não pode experimentar nenhuma possibilidade erótica que lhe pareça feminina – tal como se deixar acariciar na bunda, permitir-se rebolar as ancas, tocar outro homem, pois essa atitude pode ser a primeira de uma série que ao final lhe compromete irremediavelmente a masculinidade [...] (SEFFNER, 2003, pp.132-3).

Da mesma forma que os *teen* dramas, *Looking* aponta para o espalhamento midiático da cultura da diferença. Não é possível deixar de apontar a visibilidade que as práticas das sexualidades divergentes ganham, sendo impulsionadas pela cultura da mídia e pela cultura das séries americanas. Mas há que se considerar, como caminho crítico, que as mesmas produções que tornam disponíveis as formas culturais das diferenças sexuais contemporâneas, também o fazem tendo como base um viés ainda machista, sexista, normatizador e patriarcal. Em todos os produtos da mídia analisados nas pesquisas que compõem este artigo, ficou claro que a narrativa seriada – e os produtos audiovisuais como um todo – é um locus, por excelência, da cultura da diversidade, que ainda alterna momentos de disputa política simbólica num campo de hegemonias culturais (HALL, 2008).

4. Conclusão

Num movimento de ata e desata, as séries *teen* americanas parecem exercer uma espécie de progressividade moralista. *Beverly Hills, 90210*, *Buffy, the vampire slayer*, *Dawson's Creek*, *Glee* e *Pretty Little Liars* apresentam as práticas culturais dos corpos da diferença sexual, mas com parcimônia que estrangula o movimento enquanto categoria política. São minorias socioculturais até pouco tempo silenciadas e apagadas da cultura midiática, que

através de disputas e movimentos sociais passam a exigir espaço e clamar suas agendas políticas. Nem todas, porém, são “atendidas” da mesma forma.

Looking também apresenta a mirada da diversidade sexual, mas com o interesse recaído sobre as afetividades entre masculinidades viris. Segue no caminho do gênero, apontando para a difusão da prática sexual não binária como comportamento naturalizado, mas esbarra na exigência sociocultural da heterossexualidade compulsória, ou o comportamento heteronormativo. Assim como os adolescentes midiaticizados, as masculinidades gays analisadas perdem um pouco de potência no movimento de transgressão do *status quo* da sexualidade, o que não quer dizer que seu empreendimento político seja em vão.

As produções midiáticas que abordam gênero, sexo, diversidade sexual e performatividades culturais distintas integram uma maneira complexa de produção audiovisual, que compreende tensões entre estruturas de poder (KELLNER, 2001). Muito das identidades de gênero em questão são determinadas por um somatório de olhares, crenças, visões culturais e morais de mundo e a posse de um determinado canal de veiculação de mensagens, do ponto de vista objetivo e técnico. A emergência da figura do autor/produtor/diretor nas narrativas seriadas é um exemplo, já que seu capital cultural influencia na narrativa e no modo como imprime sua própria experiência de vida (SILVA, 2013).

Essas são articulações envolvem ligação da identidade e diferença a sistemas de poder. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2011, p. 91). Há de considerar também o aspecto mercadológico e hegemônico da cultura midiática para refletir sobre as construções de identidade midiaticizadas. Embora tais séries possuam autores múltiplos⁴⁴, seu conteúdo final ainda é muito vinculado a decisões empresariais de megaconglomerados de mídia, isto é, o poder de definir que identidades estão ou não vinculadas a esta adolescência apresentada pelos dramas seriados *teen* é restrito e endereçado a um grupo específico.

Assim, o fechamento destes percursos de pesquisa, apresentados em resumo neste artigo, permitem enxergar que a cultura da mídia tem se alimentado regularmente da cultura da diferença sexual, expondo as práticas divergentes dos corpos de gênero, sobretudo em roteiros de narrativas

⁴⁴ Geralmente a autoria dos seriados atuais vincula-se a seus produtores executivos, ou *showrunners*. Contudo, devido às especificidades do trabalho televisivo serial, na prática esta autoria se mostra muito mais difusa (MITTELL, 2012; 2013).

seriadas americanas. Sem dúvida, aparecem como janelas de visibilidade política para os grupos de minorias subalternas, normalmente atacadas pela violência simbólica do corpo social que oprime aquele que ousa divergir da norma imposta ao vivenciar cotidianamente o que é de verdade. Por mais que os espaços para a diferença ainda sejam regulados, estes não são simples concessões “de cima para baixo”, mas sim resultado de lutas sociais.

Claro está que a transgressão começa a acontecer pelo simples fato da midiaticização da prática que diverge. Mas todos os seriados também mostraram que há certa adesão a valores morais tradicionais, como a observância de masculinidades hegemônicas e padrões e estruturas familiares tradicionais no interior de suas construções. O trabalho político e de transgressão, por fim, nos parece, ainda está só no começo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina [recurso eletrônico]**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**. v.20, nº 01, p.185 – 206, julho/dezembro. 1995.

CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v.21 (01), p. 241 – 282, janeiro/abril. 2013.

COSTA, Felipe da. JOHN, Valquíria Michela. Estudos de recepção sob a ótica das masculinidades: uma lacuna nas pesquisas de comunicação brasileiras. **Revista Novos Olhares**, v.3, n.1, p.61 – 71. Primeiro semestre de 2014. 181.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D (Org.). **Comunicação e gênero [recurso eletrônico]: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 173p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 152 p.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, pp. 317-330.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 240 p.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Sulina, 2012. 70p.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LANG, Daniel Welzer-. A construção do Masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, nº 02 (09), p 460 – 482, segundo semestre. 2001.

MITTELL, Jason. **Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling**, pre-publication edition (MediaCommons Press, 2012-13). Disponível em: <http://mcpres.media-commons.org/complextelevision/> Acesso em: 10/09/2014.

NASCIMENTO, Fernanda. **Bicha (nem tão) Má: LGBTs em Telenovelas.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2015. 256 p.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade: Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual.** 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade.** Porto alegre, v. 20, nº 02, p. 70 – 99, julho/dezembro. 1995.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries – forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. In: XXII Compós, 2013, Bahia. **Anais do XXII Encontro Anual da Compós.** Bahia: UFBA, 2013.

_____. *Arrested Development* e o futuro das Séries (de Tevê?). **Revista Novos olhares**, v.3, n.1, p.42 – 50. Primeiro semestre de 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2011.